

O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis: cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria

Ribeiro, Yngrid Gisellen de Freitas ¹

Dutra-Pereira, Franklin Kaic ²

RESUMO

Como as mídias educam afetos e modos de ser mãe na contemporaneidade? Este artigo investiga as representações da maternidade na série espanhola Valéria, com foco na personagem Carmen, a partir dos Estudos Culturais e da cartografia como abordagem teórico-metodológica. Compreendendo a cultura como território de disputas de significados, analisam-se cenas das temporadas 3 e 4 da série, nas quais emergem tensões entre maternidade, trabalho e autonomia feminina. A pesquisa, de inspiração cartográfica, acompanha processos de subjetivação que se produzem nas narrativas midiáticas, reconhecendo nelas pedagogias culturais que formam e naturalizam desigualdades de gênero. Os resultados apontam que, ao mesmo tempo que reforça estereótipos e idealizações, *Valéria* abre fissuras críticas, abre brechas para imaginar outras formas de maternar e existir. Conclui-se que as produções audiovisuais podem funcionar como dispositivos de aprendizagem social capazes de deslocar sentidos sobre o corpo, o cuidado e o trabalho feminino.

Palavras-chave: maternidade; cartografia; série televisiva; Valéria; estudos culturais.

The body gestates, the position fades, and the (in)evitable disputes: cartographies of motherhood and the cultural pedagogies of/in Valeria

ABSTRACT

How do the media teach affects and ways of being a mother in contemporary society? This article investigates representations of motherhood in the Spanish series Valeria, focusing on the character Carmen, through the lenses of Cultural Studies and cartography as a theoretical–methodological approach. Understanding culture as a territory of disputed meanings, the analysis examines scenes from seasons 3 and 4, where tensions between motherhood, work, and female autonomy emerge. The cartographically inspired research follows processes of subjectivation produced within media narratives, recognizing in them cultural pedagogies that shape and naturalize gender

¹ Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade (PPGECID/UFRB). Email: ygisellenf@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3110234162479153>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2705-2989>.

² Universidade Federal da Paraíba. Professor do PPGE/UFPB; PPGECID/UFRB. Email: franklin.kaic@academico.ufpb.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0234305843667539>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>.

*O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis:
cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria*

inequalities. The findings indicate that, while reinforcing stereotypes and idealizations, Valeria also opens critical fissures that allow imagining other ways of mothering and existing. It concludes that audiovisual productions can act as devices of social learning, capable of displacing meanings about the body, care, and women's work.

Keywords: motherhood; cartography; television series; Valeria; cultural studies.

El cuerpo gesta, el cargo se desvanece y las disputas (in)evitables: cartografías de la maternidad y las pedagogías culturales de/en Valeria

RESUMEN

¿Cómo educan los medios los afectos y los modos de ser madre en la contemporaneidad? Este artículo investiga las representaciones de la maternidad en la serie española Valeria, centrando la atención en el personaje Carmen, desde los Estudios Culturales y la cartografía como enfoque teórico-metodológico. Entendiendo la cultura como un territorio de disputas de significados, se analizan escenas de las temporadas 3 y 4 de la serie, en las cuales emergen tensiones entre maternidad, trabajo y autonomía femenina. La investigación, de inspiración cartográfica, acompaña procesos de subjetivación que se producen en las narrativas mediáticas, reconociendo en ellas pedagogías culturales que configuran y naturalizan desigualdades de género. Los resultados señalan que, al mismo tiempo que refuerza estereotipos e idealizaciones, Valeria abre fisuras críticas, abre grietas que permiten imaginar otras formas de maternar y de existir. Se concluye que las producciones audiovisuales pueden funcionar como dispositivos de aprendizaje social capaces de desplazar sentidos sobre el cuerpo, el cuidado y el trabajo femenino.

Palabras clave: maternidad; cartografía; serie televisiva; Valeria; estudios culturales.

INTRODUÇÃO

Que influência as inúmeras narrativas midiáticas exercem na construção e na representação da nossa sociedade? As mídias sociais e os produtos audiovisuais desempenham um papel fundamental na construção e reprodução das narrativas que permeiam a sociedade contemporânea. Desde postagens em redes sociais como o *Instagram*, ou até séries televisivas e documentários. Essas produções, além de refletir os aspectos da realidade social, também influenciam a forma como determinadas experiências são compreendidas e vivenciadas. Assim, situamos esta análise no campo da Educação, entendendo



Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267373
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267373>

as narrativas audiovisuais como pedagogias culturais (Silva Júnior, 2023) que produzem aprendizagens sociais sobre o ser mulher, mãe e trabalhadora. A série, portanto, é tomada como um artefato educativo que ensina modos de viver e pensar o maternar, ainda que fora dos espaços escolares.

Nesse sentido, dialogando com as contribuições dos Estudos Culturais, compreendemos que a cultura é um espaço de disputa de significados, no qual a mídia atua como um dos principais agentes de produção e circulação de sentidos. Hall (1997) destaca que as representações midiáticas não são meros reflexos da realidade, mas sim construções culturais que moldam identidades e percepções sociais.

Os Estudos Culturais surgem na segunda metade do século XX, articulando diferentes perspectivas das ciências humanas e sociais para compreender a cultura como espaço de disputa simbólica e política (Hall, 1992; Williams, 1958; 1989). Mais do que um campo disciplinar fechado, configuram-se como uma abordagem pluri/inter/trans/in/antidisciplinar, dialogando com a crítica literária, a história da arte, a sociologia, a antropologia, os estudos de gênero e as teorias da linguagem, dentre outros campos de conhecimento. Nessa perspectiva, a cultura não se restringe à “alta cultura” ou às expressões artísticas consagradas, mas inclui todas as formas de produção e circulação de significados, sejam estas manifestações populares ou produtos midiáticos globais.

Stuart Hall (1997; 2016) propõe compreender a cultura como um sistema repleto de significância, na qual a representação desempenha papel central. Para o autor, as narrativas midiáticas não se limitam a retratar uma realidade já dada; elas participam ativamente de sua construção, organizando sentidos, estabelecendo interpretações possíveis e determinando quais identidades ganham visibilidade ou permanecem silenciadas. Nessa perspectiva, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas o próprio campo onde se travam disputas simbólicas, regulando e negociando significados que moldam percepções e orientam práticas sociais.

Segundo Risk e Santos (2021, p. 2), “as mídias constituem intrincado conjunto de significados, veiculados por imagem, som, texto, uso criativo da câmera, dentre outros recursos, que difundem discursos e práticas e, portanto, modelam a subjetividade”. Essa observação é fundamental para compreender por que produtos audiovisuais, a exemplo de séries televisivas, merecem análise: ao articularem elementos técnicos e narrativos, a série constrói discursos que atravessam questões identitárias, afetivas e políticas, muitas vezes de forma sutil e, às vezes, nem tanto.

Os estudos culturais latino-americanos, aqui representados por Jesús Martín-Barbero (2015), acrescentam a importância de entender a mídia em mediação constante com contextos históricos, sociais e culturais específicos. Essa mediação envolve tanto as condições de produção quanto as formas de recepção, incluindo conflitos entre discursos hegemônicos e subalternos.

Entre os múltiplos temas presentes, nos deteremos a maternidade, enquanto elemento recorrente e de grande impacto, evidenciando as múltiplas demandas e desafios enfrentados pelas mulheres que conciliam exaustivas jornadas de trabalho, família, amigos, relacionamentos e a preservação da própria individualidade – aspecto amplamente discutido por Badinter (1985), ao problematizar a idealização da maternidade e seu impacto na autonomia feminina.

A compreensão da maternidade como uma construção histórica, social e cultural, e não como um dado biológico naturalizado, é um ponto central das discussões feministas contemporâneas, aos quais nos ancoramos. De acordo com Badinter (1985), o chamado “instinto materno” é, na verdade, um mito socialmente instituído, que reforça papéis de gênero rígidos e limita a autonomia feminina. A autora argumenta que o amor materno, muitas vezes descrito como incondicional, resulta de expectativas morais e de processos históricos que associaram o cuidado à identidade feminina, deslocando dos homens a corresponsabilidade pela criação dos filhos.

Essa naturalização da maternidade como destino feminino é funcional à manutenção de uma ordem patriarcal. Silvia Federici (2019), ao discutir o trabalho doméstico e reprodutivo, salienta que o cuidado com os filhos e a reprodução da vida foram historicamente invisibilizados e desvalorizados, apesar de serem centrais ao funcionamento do capitalismo. Para a autora, a maternidade e o trabalho doméstico constituem a “infraestrutura oculta” da economia, sustentando a produção e o consumo enquanto permanecem não remunerados e tidos como obrigação moral das mulheres. Nancy Fraser (2017) também analisa essa contradição, apontando que a chamada “crise do cuidado” decorre da exigência de que mulheres se tornem trabalhadoras remuneradas, sem que ocorra uma redistribuição real do trabalho de cuidado e das responsabilidades parentais.

Neste sentido, as representações audiovisuais criam narrativas que dão forma às identidades sociais, ao definir o que é esperado e desejável em determinados contextos. Stuart Hall (1997) enfatiza que a mídia não apenas reflete uma suposta realidade objetiva, mas a constrói ativamente por meio de discursos, imagens e símbolos. Por isso, quando a maternidade é retratada, tende-se à romantização, apresentando-a como fonte de realização e sentido

único da vida das mulheres, ou, em contraposição, como uma experiência trágica de sofrimento inevitável, dualidade que, por si só, reforça estereótipos e simplificações.

Para além dessa tensão entre o ideal romântico e a vivência concreta, é importante reconhecer que as representações midiáticas carregam marcadores sociais das diferenças, a exemplo da classe, da raça e, sobretudo, da sexualidade. Stuart Hall (1997) salienta que nenhuma identidade é construída de maneira neutra: está atravessada por relações de poder que definem quem pode ser visto e de que forma. Desse modo, embora o discurso dominante sobre a maternidade seja apresentado como universal, ele se sustenta sobre experiências de mulheres brancas, de classe média, heterossexuais e inseridas em contextos urbanos, que atendem aos preceitos do patriarcado.

No Brasil, autoras como Heleieth Saffioti (2004) e Mary del Priore (2001) evidenciam que, historicamente, a maternidade foi experimentada e percebida de maneira desigual. Mulheres negras e pobres tiveram suas vivências maternas sistematicamente deslegitimadas ou criminalizadas, sendo excluídas da idealização do “maternar sagrado”. Del Priore (2001) destaca que, nos séculos XIX e XX, enquanto se exaltava o ideal da mãe branca, abnegada e virtuosa, mulheres negras e indígenas eram vistas como “amas de leite” ou “crias de serviço”, cuja maternidade importava apenas como suporte à reprodução de outras famílias. Essas hierarquias persistem, de forma implícita, nas narrativas contemporâneas, que seguem reproduzindo estereótipos racializados e de classe sobre quem pode ser reconhecida como “boa mãe”.

Assim, ao trazerem a maternidade, enquanto foco de discussão e de análise nas mídias, precisamos considerar que os discursos representados não se limitam a narrar histórias particulares, mas operam na legitimação de determinados modos de ser mulher e mãe, em detrimento de outros. A ficção, ao mesmo tempo que constrói expectativas, também pode abrir fissuras de questionamento e crítica sobre essas normas (Deleuze; Guattari, 2011).

Diante desse cenário, este trabalho propõe uma reflexão sobre como as representações midiáticas da maternidade contribuem para a perpetuação ou problematização de estereótipos e expectativas sociais. Muitas mulheres se veem representadas por narrativas que retratam mães sobrecarregadas, imersas em jornadas múltiplas, frequentemente anulando-se como indivíduos para cumprir o papel de cuidadoras. Filmes e séries, ao dramatizarem tais vivências, acabam provocando reflexões, levando algumas mulheres a repensarem suas próprias experiências e a reconhecerem padrões muitas vezes naturalizados.

A partir da nossa inquietação, a presente análise aflora diante de determinadas cenas da série *Valéria*, disponível na plataforma Netflix. *Valéria* é uma série de comédia dramática espanhola original da Netflix, baseada no livro “En los zapatos de Valeria”, de Elisabet Benavent, que acompanha a vida da protagonista Valeria (Diana Gómez) e suas três amigas Carmen (Paula Malia), Lola (Silma López) e Nerea (Teresa Riott), explorando questões como relacionamentos, carreira, amizade e autodescoberta. Dentro dessa narrativa, a maternidade é apresentada como um tema transversal, mostrando, em seus poucos recortes, os desafios enfrentados por mulheres que equilibram suas múltiplas identidades e papéis sociais. Na série, Carmen, representa um recorte significativo dessa vivência, trazendo reflexões que ecoam as experiências reais de muitas mulheres.

Por meio de atravessamentos pessoais identificados em alguns diálogos e representações da maternidade presentes na trama, busca-se estabelecer um paralelo entre a ficção e a realidade, evidenciando como tais construções midiáticas influenciam a percepção coletiva sobre o maternar e suas implicações na vida das mulheres. Assim, este artigo pretende contribuir para o debate acerca da maternidade, questionando como essas narrativas auxiliam na desconstrução de paradigmas ou reforçam um modelo exaustivo e, muitas vezes, invisibilizado.

Dito isto, toma a série *Valéria*, disponível na plataforma *Netflix*, enquanto artefato cultural (Ribeiro et al., 2025), mobilizada como provocação analítica a partir de um olhar implicado, que valoriza os atravessamentos cotidianos e as micropolíticas do viver. O interesse recai sobre as formas como as representações midiáticas produzem, reforçam ou tensionam normatividades de gênero, especialmente no que tange à maternidade. Tal leitura assume o viés ético-político-estético-poético, recusando a neutralidade científica. O objetivo é, portanto, compreender como as pedagogias midiáticas operam na formação de subjetividades e na naturalização de violências e desigualdades de gênero. Na narrativa midiática de *Valéria*, falas e cenas mostram tensões em torno da maternidade, expostas por meio de sentimentos como exaustão, medo e frustração.

Assim, cenas da série expressa e problematiza discursos hegemônicos, oferecendo pistas para cartografar os desafios enfrentados pelas mulheres na conciliação entre maternidade e outras dimensões de suas vidas. A obra audiovisual foi analisada como documento cultural que condensa e expõe tensões sociais, funcionando como ponto de partida para interrogar processos mais amplos de subjetivação.

O corpo gesta, o cargo esvaía e as disputas (in)evitáveis condensam as tensões que atravessam esta, por isso, anuncia uma experiência que não se limita ao biológico, mas age como campo de forças, como território em contínua invenção. Assim, enfrentamos o deslizamento dos lugares fixos, o esvaziamento das funções que pretendem enquadrar o corpo em papéis previsíveis: imagem que revela o quanto o social se sustenta em dispositivos de contenção. Por isso, apontamos para o movimento incessante entre o instituído e o que escapa, para os embates que produzem e deslocam sentidos, afirmando que o conflito é também potência criadora, como aprendemos com Deleuze e Guattari (2011).

É nesse plano de intensidades que as cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria se desenham como composição viva, onde o *devirmulher* e o *devirmãe* se implicam em linhas que atravessam, pertencem e se desfazem ao mesmo tempo. Assim, o que se propõe é uma leitura que acompanha o corpo em sua materialidade sensível e o mundo em seus fluxos, numa prática de pensamento que, como diriam Deleuze e Guattari (2011a), não explica o real, mas o faz vibrar em novas conexões.

Embora esta análise utilize como objeto central a série Valéria, cuja narrativa se desenvolve a partir de personagens majoritariamente brancas, de classe média e heterossexuais – a série conta com apenas uma personagem lésbica –, reconhecemos que essa representação não contempla a diversidade das experiências maternas. Esse recorte foi escolhido, junto ao “COM-FABULAÇÕES: ateliês de pesquisas inventivas em Educação”, por seu potencial de visibilizar tensões entre maternidade, trabalho e identidade pessoal em contextos urbanizados, mas não se pretende generalizá-lo como modelo universal. Trata-se de um recorte menor (Dutra-Pereira, 2025b) de uma pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade da UFRB. Sabemos – e deixaremos rastro disso – que há outros corpos que também gestam e par(tu)ram. Corpos que sangram à margem do roteiro, mas não à margem da vida. E que, por isso, nos convocam a ampliar.

Cartografando com Valéria

Este estudo se inscreve no campo dos estudos culturais, com forte inspiração nos pressupostos pós-estruturalistas e feministas que problematizam os discursos que produzem sentidos sobre o corpo, a maternidade e a identidade. A abordagem escolhida para guiar esta análise é a cartografia, entendida aqui como uma metodologia que permite acompanhar

processos de produção de sentido em movimento (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016; Deleuze; Guattari, 2011a; Deleuze; Guattari, 2011b).

Deleuze e Guattari (2011a; 2011b) compreendem o mapa cartográfico como um plano em movimento, aberto às conexões e às linhas de fuga. Não se trata de representar a realidade, mas de compor com ela, seguindo o curso das forças que a atravessam. Passos, Kastrup e Escóssia (2020) ampliam essa compreensão ao proporem a cartografia como pesquisa-intervenção, isto é, um modo de investigar que também se deixa afetar pelo campo. Nessa perspectiva, a pesquisadora não se coloca como observadora neutra, mas como corpo implicado, que sente, se move e escreve.

A investigação parte de atravessamentos pessoais identificados em diálogos e representações da maternidade presentes na trama, acompanhando movimentos de sentido que emergem das narrativas e suas reverberações na vida real. Buscamos, assim, estabelecer um paralelo entre a ficção e a realidade, evidenciando como tais construções midiáticas influenciam a percepção coletiva sobre o maternar e suas implicações na vida das mulheres.

A cartografia se apresenta como uma potência neste pesquisa, para pensar os afetos, os deslocamentos subjetivos e os atravessamentos simbólicos que surgem nas experiências midiáticas. Ao contrário de métodos mais tradicionais e normativos (Silva Júnior, 2023a; Dutra-Pereira; Tinôco, 2025), nos permite que a análise parta de implicações vividas, de zonas de contato entre aqueles/s que pesquisam em composição com o que se pretende ser estudado, acolhendo inclusive o que se move, o que escapa e o que incomoda. Nesse sentido, cartograficamente não buscamos o distanciamento, mas sim a aproximação sensível e crítica, permitindo que a experiência da maternidade, vivida e/ou partilhada, também componha a pesquisa.

Ao reconhecer que as narrativas midiáticas também educam, este estudo entende a série como território de pedagogias culturais (SILVA JÚNIOR, 2023; 2023a) que formam modos de ser mulher e mãe. A cartografia, nesse contexto, torna-se ferramenta de resistência e criação: permite observar como os discursos sobre maternidade são produzidos, repetidos e, às vezes, reinventados, revelando as micropolíticas do viver que se insinuam nas frestas da cultura.

A escolha da série Valéria, fundamenta-se no fato de que a narrativa, embora não centrada exclusivamente na maternidade, dedica parte significativa de sua terceira e quarta temporadas à tematização das transformações vividas pela personagem Carmen diante da gestação, da parentalidade e do retorno ao

mercado de trabalho. O tom informal, aliado a um roteiro que mescla humor e drama, contribui para tornar visíveis camadas de sentidos muitas vezes naturalizadas na sociedade. Além disso, as falas da personagem, em momentos de conflito, hesitação e inseguranças, provocam ecos em experiências reais de mulheres que conciliam o maternar com o desejo de autonomia e a busca por si.

Neste sentido, selecionamos cinco cenas específicas, localizadas em episódios das temporadas 3 e 4 da série. O critério para essa seleção baseou-se no grau de densidade discursiva, principalmente, das falas de Carmen e em sua capacidade de articular tensões sociais mais amplas. Cada trecho foi analisado a partir de um olhar afetivo, sensível e processual que busca não apenas interpretar a cena, mas também produzir sentidos a partir dela, desestabilizando certezas e tensionando o lugar social da *mulhermãe* na contemporaneidade.

Portanto, cartografaremos as falas, cenas, expressões da personagem Carmen na série Valéria, investigando de que forma suas reflexões sobre a maternidade dialogam com as experiências reais de mulheres que vivenciam a dupla (ou múltiplas) jornada. Às vezes recorreremos a registros momentâneos das cenas (*prints* ou recortes de cenas) para descrever os processos às quais nos referimos durante a nossa investigação cartográfica.

A escolha deste perspectiva surgiu pela proposição em cartografar as experiências narradas audiovisualmente da personagem que entrelaça, dentre tantas outros fatos, a vida, a gestação, o parto, as escolhas, as amizades, o marido, a sogra, o trabalho e, sobretudo, as progressões na carreira profissional. Entendemos, portanto que as cenas e os recortes narrativas da série, atuam como registros de uma subjetividade que se constrói e se reconstrói em meio às múltiplas relações de poder e saber que permeiam a educação (Dutra-Pereira; Lima; Tinôco, 2024; Dutra-Pereira; Santos; Tinôco, 2024; Dutra-Pereira, 2025).

Reconhecendo que todo processo cartográfico é também um exercício de escrita de si, os atravessamentos da pesquisadora com os temas discutidos, especialmente no que se refere à maternidade e à trajetória acadêmica, não foram apagados. Ao contrário, constituem parte da análise e reafirmam a perspectiva de que todo conhecimento é posicionado, situado e, portanto, implicado, conforme hooks (2019).

Ancorando-nos nas filosofias da diferença, a partir de Deleuze e Guattari (2011a; 2011b), buscamos evidenciar, com a cartografia, como as narrativas das cenas que envolvem a maternidade, podem “contribuir para a criação de

uma Educação que inclua todos os corpos, que, ao se afastarem das normatividades impostas, apontam para outras maneiras de ler o mundo e de continuar na produção de vida” (Dutra-Pereira, 2025, p. 8-9)

Assim, cartografar a maternidade em Valéria, sobretudo da personagem Carmem, pode se constituir como dispositivos de invenção-criação, conforme defendem Cavalcante e Dias (2025), capazes de gerar novas formas de existir e educar, num país que ainda é tão desigual quando diz respeito aos corpos que são parturientes e pouco estão inseridas/os no contexto das investigações, sobretudo na área dos Estudos Culturais da Educação.

Valéria, uma cartografia

Valéria é uma série de comédia dramática espanhola original da Netflix, baseada no livro *En los zapatos de Valeria*, de Elísabet Benavent, que acompanha a vida da protagonista Valéria (Diana Gómez) e suas três amigas Carmen (Paula Malia), Lola (Silma López) e Nerea (Teresa Riott), explorando questões como relacionamentos, carreira, amizade e autodescoberta. A série tem 4 temporadas, finalizadas, entre 8 a 10 episódios cada temporada, tendo em torno 30 minutos cada episódio.

A série Valeria (2020-2023) conta uma história internacional em um contexto local. As tramas relatam os conflitos emocionais e de trabalho de um grupo de amigos na cidade de Madri, as relações de casais e amantes, a realização pessoal e as preocupações com a própria identidade (Higuera-Ruiz, 2023, p. 254, tradução nossa).

A série, mesmo sendo uma produção espanhola voltada ao público global, é possível identificar como sua narrativa se insere em tendências mais amplas da representação feminina contemporânea, ao mesmo tempo que silencia ou marginaliza certas experiências, como por exemplo, as maternidades negra, periféricas ou LGBTTTQIAPNb+, muito embora haja Nerea, enquanto personagem lésbica com sucessivas tentativas de relação com mulheres.

Porém, como nossa intenção é cartografar o dispositivo maternidade, é possível perceber que é apresentada como um tema transversal, mostrando, em seus poucos recortes, os desafios enfrentados por mulheres que equilibram suas múltiplas identidades e papéis sociais, a exemplo da carreira profissional.

Na série, Carmen representa um recorte significativo dessa vivência, trazendo reflexões que ecoam as experiências reais de muitas mulheres.

Ao longo da série, falas já enraizadas em nossa sociedade evidenciam os dilemas e pressões associados à maternidade. Expressões de exaustão, frustração, medo e tentativas de equilibrar vida pessoal, profissional e familiar compõem um retrato sensível das dificuldades enfrentadas por mulheres. Considerando isso, a seguir, serão apresentados alguns desses diálogos, destacando suas implicações sociais e emocionais.

Depois de duas temporadas, Carmen engravida de seu namorado. O corpo, que até então se equilibrava entre o salto e o computador, começa a pedir outros tempos, outras escutas. Não há anúncio glorioso nem cena épica. Há o banheiro do trabalho, o exame escondido na bolsa, o silêncio atravessado por incerteza. A gravidez chega sem manual, sem enquadramento, sem direito à pausa. E a série se permite não romantizar.

Enquanto o enredo de Valeria circula entre festas, cafés, livros e amores, Carmen escancara o que não costuma aparecer: a maternidade atravessando a rotina de uma mulher inserida num espaço de exigência constante. O tempo da empresa não se dobra diante do corpo que pulsa de outro modo. As reuniões continuam, os prazos apertam, a exigência de controle paira. Mas o corpo escapa. E escapa mesmo quando ela tenta dar conta de tudo, mesmo quando se senta na cadeira com a coluna ereta e responde e-mails como se não estivesse se reconstruindo por dentro.

A série não nomeia isso como crítica, mas o desconforto é nítido. É nesse intervalo entre o que se espera dela e o que ela consegue sustentar que se inscreve uma escrita que não passa por palavras. Os olhares da equipe, os silêncios na mesa de trabalho, as ausências não justificadas. E há ainda os dilemas que ninguém ensina a resolver: dizer ou não dizer? Ficar ou sair? Quais escolhas são mesmo escolhas?

A maternidade que Carmen vivencia não é didática. Não serve para educar ninguém, tampouco se encaixa em discursos prontos sobre empoderamento ou superação. É fragmentada, feita de pequenas decisões, cansaços acumulados, vontades que somem no meio do dia. E, ainda assim, ela continua ali, mesmo correndo o risco de virar estatística dentro de um sistema que enxerga a gravidez como obstáculo.

Essa travessia que a série permite ver – sem nomear como denúncia, sem pintar como drama – abre uma fissura importante para quem pensa a educação a partir dos estudos culturais, uma vez que é

*O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis:
cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria*

[...] uma abertura a outras formas de educação para além dos espaços educacionais formais. [...] podemos vislumbrar a provisoriedade destes acontecimentos produtores de performances culturais, o que acentua o caráter contestatório [...]. A educação, seguindo estes caminhos, torna-se um território amplo não apenas de conformação aos modelos tradicionalmente seguidos, mas também de resistência ao lançarmos mão de repertórios midiáticos que tracem outros caminhos possíveis para a existência de novos modos de vida (Silva Júnior, 2023, p. 19).

Ali está uma mulher vivendo experiências formativas sem estar numa escola. Ela aprende com o desconforto, com a falta de acolhimento, com os afetos desviados das amigas, com as cenas que não se encaixam nas narrativas oficiais sobre maternidade, como veremos a seguir.

Episódio 3, Temporada 3 – Tempo: 21:33

Figura 1: Valéria e a maternidade



Fonte: Dados da pesquisa.

A temática da maternidade é introduzida de maneira nada sutil na terceira temporada da série, quando a personagem Valéria – que não é a personagem que de fato carrega o maternar na série – ao iniciar um encontro com um novo pretendente, descobre que ele é pai de uma menina fruto de um relacionamento anterior. A informação, compartilhada de forma tranquila pelo homem, provoca um incômodo em Valéria, que passa a refletir sobre a

possibilidade de tornar-se, de alguma maneira, mãe – ainda que não biologicamente.

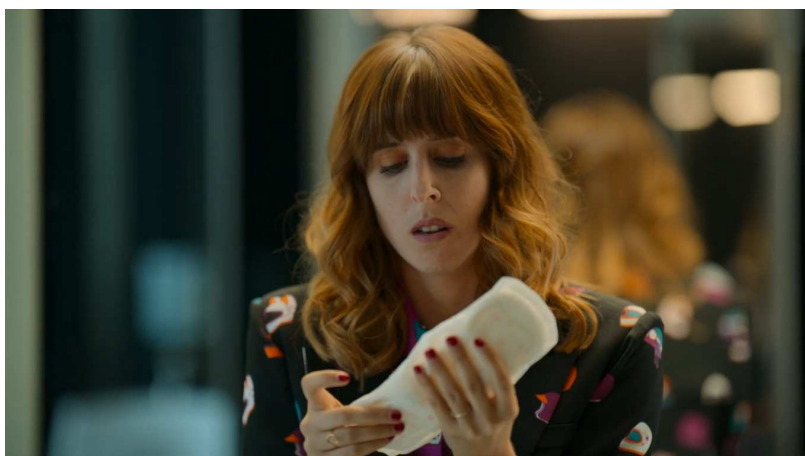
A cena, aparentemente simples, revela um conjunto de discursos sociais profundamente enraizados nas construções de gênero. A forma natural com que o personagem menciona a paternidade, sem qualquer preocupação com o possível impacto daquela revelação no início da relação, contrasta fortemente com a experiência de muitas mulheres que são mães solo. Diferentemente do que ocorre com os homens, essas mulheres mães enfrentam inseguranças ao expor sua condição materna, especialmente em contextos de novas relações afetivas. Há o receio de que a maternidade seja percebida como um "peso" ou um fator impeditivo para o desenvolvimento de vínculos amorosos, gerando dúvidas como: E se ele não aceitar meu filho? E se isso encerrar algo que nem começou?

[...] na atualidade, muitas mulheres sofrem em seus contextos de trabalho, diante de empregadores que as humilham, violentam e ameaçam durante o ciclo gestacional, negando-lhes seus direitos trabalhistas. Mesmo elas sendo cobradas a ocuparem o lugar materno e direcionadas à vivência de uma maternidade involuntária, quando cumprem essa obrigação e se tornam gestantes, não são respeitadas, revelando um modelo de sociedade que não garante à mulher quase nenhum direito, mesmo apontando a maternidade como o seu único caminho de vida (Santos; Galvão; Sousa, 2024, p. 4).

Essa cena deixa evidente uma questão central na análise das relações de gênero: a gritante diferença nos impactos sociais da parentalidade para homens e mulheres. Enquanto a paternidade é, por vezes, percebida como um traço de responsabilidade ou sensibilidade (às vezes, a visão da perfeição) no homem – sem comprometer sua autonomia ou desejo –, a maternidade tende a ser vista como um elemento que redefine por completo a identidade da mulher (Santos; Galvão; Sousa, 2024). Dessa forma, a cena em questão evidencia umas das tensões que envolvem gênero, maternidade e relações afetivas nos dias de hoje, possibilitando uma ampla discussão para refletir sobre os discursos sociais que moldam as experiências de homens e mulheres frente à parentalidade.

Episódio 5, Temporada 3 – Tempo: 36:11

Figura 2: Suspeitas de uma gravidez



Fonte: Dados da pesquisa.

As primeiras suspeitas de uma gravidez - não planejada - de Carmen surgem no encerramento do episódio, após uma sequência de mal-estar, culminando em uma apresentação profissional importante quase comprometida por náuseas constantes. Ao recorrer a um aplicativo de controle do ciclo menstrual, Carmen constata um atraso de doze dias. A narrativa se desdobra no episódio seguinte, durante uma visita ao ginecologista, onde, acompanhada pelas amigas, o tema da maternidade vem à tona — ainda que de maneira indireta à ela.

Neste momento, Carmen permanece em silêncio sobre sua suspeita, ouvindo com apreensão o relato da médica, que compartilha experiências pessoais sobre as mudanças ocorridas em sua vida conjugal após o nascimento da filha. A fala da profissional ecoa como um indicador, indesejado, de ruptura e transformação, elementos que assustam Carmen, ainda imersa em incertezas sobre sua gestação.

A cena torna-se particularmente expressiva quando, diante da insistência da ginecologista para realizar o exame que confirmaria a gravidez, Carmen entra em crise emocional e revela, entre lágrimas, que está grávida. Seu choro não está apenas relacionado à notícia em si, mas à dificuldade de compreendê-la dentro de sua realidade presente: o que significa estar grávida naquele momento da vida? Carmen confessa que hesitou em contar porque, até então, não sabia qual o significado dessa gestação para si mesma.

Figura 3: Anúncios, prenúncios ou desconfiância da gravidez e a amizade



Fonte: Dados da pesquisa.

Essa insegurança diante da maternidade é muito comum. Como aponta Badinter (1985), o amor materno não é um instinto universal, mas uma construção histórica, atravessada por expectativas sociais, morais e afetivas. Ao revelar que deseja seguir adiante com a maternidade e receber apoio imediato das amigas, Carmen encontra um espaço de acolhimento raro, mas necessário, para a transição identitária que a gravidez impõe.

A cena em questão, demonstra uma representação sensível do que significa experienciar a maternidade contemporânea. Embora, na série, Carmen seja acolhida pelas amigas e, posteriormente, pelo companheiro, a realidade de muitas mulheres é marcada pela completa solidão, pela ausência de redes de apoio e pela frustração de não verem suas experiências voltadas à maternidade acolhidas com a mesma leveza.

A romantização da gravidez e da maternidade, amplamente veiculada pela mídia, destoa com o cotidiano de muitas mulheres, que vivem a gestação como um processo de angústia, insegurança e até mesmo desamparo. Silvia Federici (2019) destaca que o trabalho reprodutivo e de cuidado, ainda que essencial à reprodução da vida, segue invisibilizado e desvalorizado. Nesse sentido, o acolhimento vivido por Carmen é, mais do que uma construção ficcional positiva, um gesto político de validação da experiência materna em sua complexidade.

O momento em que Carmen aceita a maternidade e é acolhida por sua rede de apoio não representa uma romantização seguida da solução para aquilo que a inquietava, mas sim uma forma de expressar que com o cuidado

*O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis:
cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria*

daqueles que partilham a experiência é um caminho possível para tornar a maternidade uma vivência mais leve, e, conseqüentemente, menos solitária.

Episódio 7, Temporada 03 – Tempo 07:50

Figura 4: Gravidez e o trabalho



Fonte:

Carmen ainda não se sente pronta para compartilhar a notícia da gravidez no ambiente de trabalho. Recentemente promovida a chefe do departamento de publicidade, ela teme a reação de seu superior e questiona sua própria capacidade de conciliar a nova função profissional com a maternidade paralelamente.

Durante uma reunião com dois colegas de equipe, a complexidade dessa dupla jornada – ser mãe e profissional – torna-se ainda mais evidente. Eles discutem uma campanha publicitária de fórmula infantil quando um dos colaboradores comenta sobre como a maternidade altera as prioridades das mulheres. Na conversa, mencionam que a profissional anteriormente cotada para o cargo de chefia recusou a promoção após o nascimento do filho, transferindo a responsabilidade para seu companheiro – que, por sua vez, assumiu o cargo sem grandes mudanças em sua rotina.

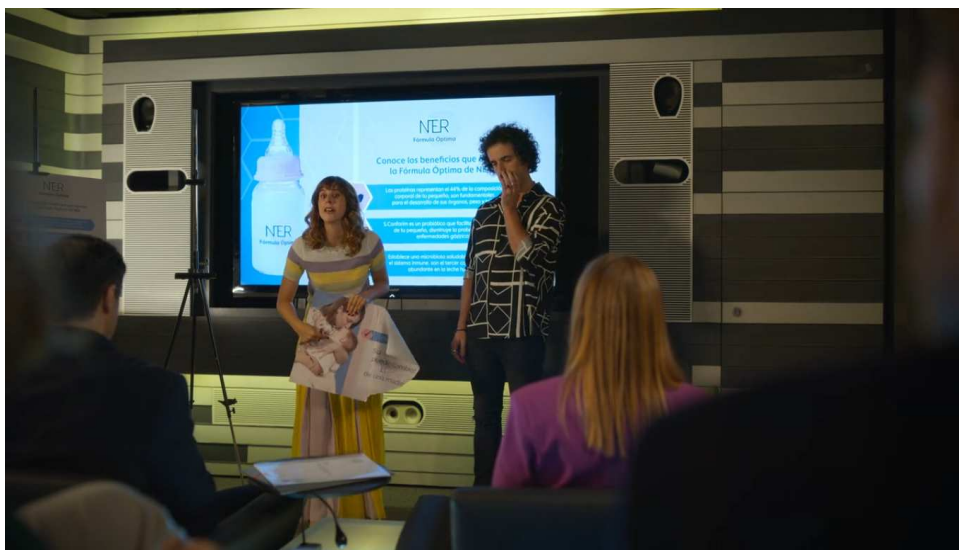
Intrigada, Carmen questiona: como a mulher, ao tornar-se mãe, tem sua vida completamente transformada, enquanto o homem, mesmo sendo pai, segue com poucas alterações? Um dos colegas relata sua experiência pessoal:

*O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis:
cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria*

“Meu filho vive doente, minha esposa fica em casa cinco dias por semana cuidando dele. Eu adoraria fazer isso, mas ela é mulher, sabe lidar melhor com essas coisas.”

Essa fala mostra como a divisão sexual do trabalho continua enraizada nas estruturas sociais. Mesmo diante de avanços legais e formais de igualdade entre os gêneros, a responsabilidade pelo cuidado infantil ainda recai quase exclusivamente sobre as mulheres. A naturalização do cuidado como um super poder feminino – é uma construção social que remete às primeiras organizações humanas, nas quais os papéis de gênero foram estabelecidos, principalmente, com base em funções biológicas “a mulher lidar melhor” (BADINTER, 1985).

Figura 5: O cuidado materno



Fonte: Dados da pesquisa.

Esse estereótipo enraizado de que as mulheres “sabem cuidar” por natureza é reforçada por discursos normativos que associam a maternidade apenas ao corpo feminino. Não é atoa que as propagandas voltadas para a maternidade carrega o slogan de que “nasce um bebê, nasce uma mãe” escancarando a disparidade entre o universo feminino e masculino, pois enquanto a identidade materna é imediatamente ativada com o parto, a identidade paterna permanece frequentemente periférica, acessória ou voluntária. Inclusive, quando nasce o pai? Qual é o papel do homem?

Não se exige das mulheres qualquer formação formal para o exercício da maternidade, mas espera-se que saibam, automaticamente, amamentar,

trocar fraldas, lidar com noites sem sono, adiar necessidades básicas como higiene ou alimentação. Trata-se de um processo de formação cultural que impõe à mulher a centralidade do cuidado, ao mesmo tempo em que resguarda os homens dessa responsabilidade. E, assim, seguimos sobrecarregadas.

A cena em questão revela não apenas os conflitos internos de uma personagem, mas reproduz questões estruturais da sociedade em que estamos inseridas. A sobrecarga feminina, especialmente em contextos que envolvem maternidade e mercado de trabalho, é o reflexo de uma lógica patriarcal ainda hegemônica, que precisa ser problematizada e enfrentada por meio de políticas públicas, transformações culturais e avanços nos debates sobre equidade de gênero.

Episódio 1, temporada 4 - tempo: 20:03

Ao nascer um bebê, morre uma mulher profissional? A licença-maternidade, apesar de garantir um período de afastamento do trabalho formal, muitas vezes carrega consigo frustrações, inseguranças e pressões sociais que impactam a vivência da maternidade e a identidade profissional da mulher (BADINTER, 1985). Carmen enfrenta esse dilema de forma intensa ao pegar-se ansiando pelo retorno ao trabalho antes mesmo do fim da licença maternidade.

Figura 6: O retorno ao trabalho



Fonte: Dados da pesquisa.

Em uma conversa complicada, como chamamos na vida real, com seu companheiro, ela expressa o desejo de retornar ao trabalho. Diferente do que ocorre em muitas famílias, seu parceiro assume os cuidados com a criança,

possibilitando o retorno de Carmem à sua carreira. No entanto, essa realidade não se reflete para grande parte das mães, que enfrentam dificuldades para conciliar maternidade e profissão, especialmente devido à falta de uma rede de apoio. Em muitos casos, a ausência de creches para bebês menores de seis meses e a limitação da licença-maternidade a apenas quatro meses (em média, no Brasil) - e apenas as mães - impõem uma escolha angustiante: abandonar o emprego ou buscar apoio externo, muitas vezes sobrecarregando avós maternas e paternas (Perrot, 2007). E aqui temos mais uma conversa complicada, afinal, quem é a rede de apoio das *mulheresmães*?

Para muitas mulheres, esse momento de transição torna-se um pesadelo repleto de medos e culpas. As inseguranças não se limitam apenas à logística do cuidado com a criança, mas também à consciência materna sobre como o filho lidará com essa separação precoce. Surgem questionamentos sobre o impacto emocional da ausência materna: "Será que meu bebê sentirá minha falta?", "E se outra pessoa assumir meu lugar como mãe?", "Será que ele vai ficar bem, vai ser bem cuidado?". Esses sentimentos, intensificados por uma sociedade que ainda romantiza a maternidade como um papel exclusivo da mulher, levam muitas mães a renunciarem a suas carreiras, reforçando a desigualdade de gênero no mercado de trabalho.

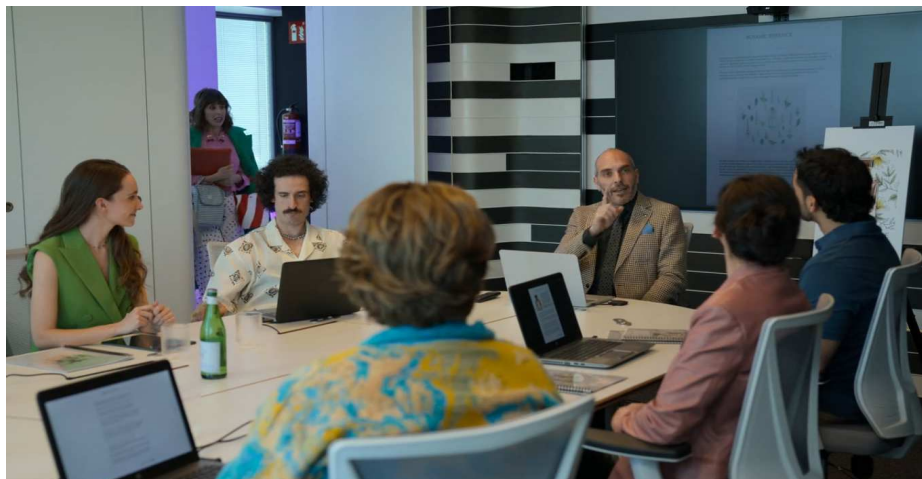
A decisão de retornar ao trabalho não deveria ser encarada como um abandono da maternidade, mas sim como uma escolha legítima, assim como é a permanência integral no cuidado da criança. É preciso reconhecer que, em muitos contextos, essa escolha não existe: a mulher acaba renunciando a sua trajetória profissional por não encontrar suporte. Além disso, o peso da renúncia raramente é compartilhado entre o casal, consolidando a ideia de que a responsabilidade pelo cuidado infantil recai exclusivamente sobre as mães (Federici, 2019).

O dilema vivido por Carmen mostra uma realidade que atravessa a vida de inúmeras mulheres. Se, por um lado, ela conseguiu conciliar maternidade e carreira, muitas outras enfrentam obstáculos estruturais que limitam suas opções. É preciso, de uma vez por todas, compreender que as mães que necessitam ou desejam retornar ao trabalho não são menos mães por isso. O vínculo materno não se mede pela quantidade de horas ao lado do filho, mas pela qualidade da relação construída, independentemente das condições impostas pelo contexto social. Bastaria pensarmos no sentido oposto, se a paternidade fosse medida pelo tempo passado ao lado dos filhos, quando os homens seriam reconhecidos como pais?

Episódio 2, temporada 4 - tempo 10:30

O retorno ao trabalho, após a maternidade, representa um dos grandes desafios enfrentados por mulheres que buscam conciliar a identidade profissional com a função socialmente imposta da maternidade. Embora já tenhamos discutido como esse retorno é complexa para as mães em nível estrutural, é importante conversarmos sobre o modo como a profissional-mãe é percebida por seus colegas ao retornar ao ambiente de trabalho.

Figura 7: Encontrar-se no trabalho



Fonte: Dados da pesquisa.

No episódio em questão, Carmen enfrenta dificuldades com seus colegas de escritório logo após seu retorno. Enquanto a equipe seguiu com as demandas da empresa, o reconhecimento das contribuições intelectuais de Carmen, para a equipe, foi reduzido. Suas ideias, antes valorizadas, passaram a ser ignoradas ou consideradas ultrapassadas, pois agora seus colegas enxergam apenas a Carmem versão maternidade. Suas tentativas de contribuição são silenciadas e desqualificadas, reforçando o estereótipo de que a mãe, ao retornar ao ambiente profissional, estaria desconectada das exigências do mercado.

Diante dessa frustração, que envolve tanto o desejo de retomada da carreira quanto a insegurança gerada pelo tratamento recebido, Carmen sente a necessidade de reafirmar seu valor profissional. Ela busca provar sua competência ao apresentar uma ideia inovadora, baseada no atual momento em que se encontra - sem rede de acolhimento que também partilhe das mesmas angústias - demonstrando que a "Carmen chefe" ainda existe dentro da "Carmen mãe".

Figura 8: Carmen chefe, Carmen mãe



Fonte: Dados da pesquisa.

Essa situação ficcional reflete um problema real enfrentado por muitas mulheres. O retorno ao trabalho após a maternidade é frequentemente acompanhado por questionamentos sobre sua capacidade profissional: "Ela conseguirá assumir um cargo de responsabilidade com um filho para cuidar?", "Terá disponibilidade para reuniões e compromissos extras?", "Ela é mãe, logo não pode integrar um grupo de pesquisa", "Escrever uma dissertação enquanto cuida de uma criança? Impossível!". Essas suposições, carregadas de preconceito, ignoram não apenas a capacidade, mas sobretudo a força que a maternidade exige. Como aponta Perrot (2007), a sociedade frequentemente negligencia a potência das *mulheresmães*, invisibilizando as estratégias de resistência e adaptação que são desenvolvidas cotidianamente, visto que, (re)existimos em um mundo estruturado para favorecer trajetórias masculinas.

Carmen demonstra nessa cena a realidade de tantas mulheres que, mesmo após vivenciarem uma das experiências mais intensas e transformadoras da vida, o parto e a maternidade. A todo momento, exigem que a capacidade da *mulhermãe* seja reafirmada e sua competência testada, enquanto em nós persiste o desejo incessante de provar que podemos ocupar, além das paredes de casa, o espaço que sempre foi nosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Com Carmen apostamos que a maternidade, quando representada nas narrativas midiáticas, carrega consigo camadas complexas de significados, atravessadas por expectativas sociais, padrões idealizados e invisibilidades persistentes. Embora o enredo se concentre em uma experiência específica, a de uma mulher cis, branca, de classe média, urbana e heterossexual, permitiu-nos identificar tensões que dialogam com vivências de muitas outras mulheres, como a sobrecarga, a ambivalência e os conflitos entre vida profissional, afetiva e familiar.

A partir dos Estudos Culturais, compreendemos que essas representações não são meros reflexos da realidade, mas sim construções culturais que participam ativamente da produção e circulação de sentidos. Ao dramatizar dilemas e afetos, Valéria insere-se em um campo de disputa simbólica no qual modelos de maternidade são reforçados, questionados ou reinventados. Nesse contexto, a série contribui tanto para visibilizar aspectos da experiência materna quanto para manter lacunas e silenciamentos.

Assim, a maternidade, enquanto experiência e enquanto representação midiática, é um território de disputas. As narrativas audiovisuais, como Valéria, podem tanto contribuir para a desconstrução de paradigmas exaustivos quanto reforçar ideais normativos. Reconhecer essas dinâmicas é fundamental para ampliar o debate sobre o maternar e para fomentar produções culturais mais plurais, capazes de incluir as múltiplas vozes e realidades que compõem esse campo de experiências.

A narrativa audiovisual se abre como documento cultural, desvendando camadas de sobrecarga, silenciamento e resistência que perpassam o cotidiano de tantas mulheres. Os diálogos e dilemas vividos por Carmen não são apenas ficcionais: reverberam uma estrutura social marcada pela desigualdade de gênero, pela romantização do cuidado e pela precarização das escolhas femininas. Ao encarnar essas discussões na ficção, por que ainda se espera que a mulher seja uma só – mãe, cuidadora, devota – quando, na verdade, ela pode ser muitas, simultaneamente, sem que isso signifique falha ou falta?

Este estudo reitera, portanto, a necessidade de (re)significar a maternidade, não como papel exclusivo e excludente, mas como uma dimensão fluida, potente, entrelaçada a outras formas de viver e de ser. Desconstruir os estereótipos maternos e lutar por políticas públicas que apoiem as múltiplas maternidades é passo urgente para que mais mulheres possam gestar seus próprios caminhos com autonomia, com escolha, com desejo.

*O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis:
cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria*

Dessa forma, reiteramos a necessidade de (re)compreensão acerca da maternidade não a enxergando como um papel excludente, mas sim como uma dimensão que pode coexistir com outras esferas da vida. A desconstrução aqui defendida é uma cartografia de um tempo em que gestar é também resistir à estrutura que drena, corrige e mede. O corpo que gera é o mesmo que se apaga nas planilhas, nas metas, nas licenças curtas, nas ausências não perdoadas. A ficção apenas nos lembra o que a realidade insiste em repetir: o capitalismo nunca pariu, mas exige parto diário das mulheres.

REFERÊNCIAS

Badinter, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Benavent, Elisabet. **En los zapatos de Valeria**. Barcelona: Suma de Letras, 2013.

Cavalcante, Jussara Silva; Dias, Rosimeri de Oliveira. Conversar e encontrar: escritas cartográficas anticapacitistas em uma escola de Niterói (RJ). **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, 7, 2025.
<https://doi.org/10.47149/pemo.v7.e14018>

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. 1). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. 2). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b.

Dutra-Pereira, Franklin Kaic; Santos, Francisca Karine dos; Tinôco, Saimonton. Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas cartasplatôs e nos platôsantirracistas... **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, 29(65), 2024. <https://doi.org/10.20435/serieestudos.v29i65.1906>

Dutra-Pereira, Franklin Kaic; Santos, Francisca Karine dos; Tinôco, Saimonton. Um vírus... Um projeto... Algumas cartas...: sobre a formação de bolsistas na pandemia. **Cadernos de Educação**, 67, 2024. <https://doi.org/10.15210/caduc.vi67.25780>

Dutra-Pereira, Franklin Kaic. Educação química fora do armário: cartografias epistolares de uma formação docente antilgbttqiapnb+fóbica. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 24, n. 38, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/4236>>. Acesso em: 04 ago. 2025.



Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267373
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267373>

*O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis:
cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria*

Dutra-Pereira, Franklin Kaic; Tinôco, Saimonton. Cartografias do Projeto de Vida: subjetividades, controles e resistências no Novo Ensino Médio. **Revista Diálogo Educacional**, v. 25, n. 84, p. 40-55, 2025. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2025000100040&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 out. 2025.

Dutra-Pereira, Franklin Kaic. Ser ou não ser um produto? Eis uma questão! por outros produtos educacionais e currículos menores pluriculturais. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 11, n. jan./dez., 2025b.

Federici, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas. São Paulo: Elefante, 2019.

Fraser, Nancy. **Fortunas do feminismo**: do capital humano à crise do cuidado. São Paulo: Boitempo, 2017.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In: GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cary; TREICHLER, Paula (eds.). **Cultural Studies**. London: Routledge, 1992.

HALL, Stuart. **Representação**: cultura e significados. 2. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

Higuera-Ruiz, María José. Identificación cultural y emocional con Madrid a través de la serie Valeria (Netflix, 2020-2023). **Revista de Comunicación**, v. 22, n. 2, p. 243-260, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.26441/rc22.2-2023-3163>. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1684-09332023000200243&lng=es&nrm=iso. Acessado em: 03 ago. 2025.

hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

Martín-Barbero, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da. (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.

Passos, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Tedesco, Silvia. (org.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2016.



Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267373
Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267373>

Perrot, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Contexto, 2007.

Prióre, Mary del. **Histórias da gente brasileira**: Império. São Paulo: Contexto, 2001.

Ribeiro, Paula Regina C.; Araújo De Oliveira, Danilo; Corpes Magalhães, Joanalira; Ribeiro De Vargas, Juliana; Klein, Carin; Nascimento Corsino, Luciano. Entrevista Marlécio Maknamara. **Diversidade e Educação**, v. 13, 2025. DOI: 10.63595/de.v13iespecial.19496. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/19496>. Acesso em: 3 ago. 2025.

Risk, Eduardo Name; Santos, Manoel Antônio dos. Estudos culturais, pesquisa qualitativa e mídias: critérios metodológicos para análise de dados audiovisuais. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ByCvzBzKddTCjtTmDqFgkYy>. Acesso em: 3 ago. 2025.

Saffioti, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

Santos, Gisele Cerqueira; Galvão, Paula Da Luz; Sousa, Lucivanda Cavalcante Borges de. Quem disse que ser mulher é ser mãe? Feminilidade(s) e maternidade(s). **Saúde e Sociedade**, v. 33, 2025. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sausoc/2024.v33n1/e220388pt/#>. Acesso em: 03 ago. 2025.

Silva Júnior, Alcidesio Oliveira. Cultura e educação: Como operam as pedagogias culturais?. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 64, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24840/esc.vi64.468>. Disponível em: <https://www.up.pt/revistas/index.php/esc-ciie/article/view/468>. Acesso em: 03 ago. 2025.

Silva Júnior, Alcidesio Oliveira da. **A magia que seduz e nos faz sonhar... currículo-imagem e masculinidades nos cinemas latino-americanos**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023a. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/29799>. Acesso em: 18 out. 2025.

Williams, Raymond. **Culture and Society**. Harmondsworth: Penguin, 1958.

Williams, Raymond. The future of cultural studies. In: WILLIAMS, Raymond. **The Politics of Modernism: against the new conformists**. London: Verso, 1989.

Submissão em 04 de agosto de 2025.
Aceite em 27 de outubro de 2025.



Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267373
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267373>

*O corpo que gesta, o cargo que esvaía e as disputas (quase) (in)evitáveis:
cartografias da maternidade e as pedagogias culturais de/em Valéria*



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>